

## **SALVAMENTO ARQUEOLÓGICO DO CENTRO HISTÓRICO DE PELOTAS RS / BRASIL**

Luciana da Silva Peixoto;  
Fábio Vergara Cerqueira  
(Laboratório de Antropologia e Arqueologia /  
Universidade Federal de Pelotas)

### **Resumo**

O Projeto de salvamento arqueológico desenvolvido na cidade de Pelotas RS/ Brasil realiza, desde o ano de 2002, um trabalho de intervenções sistemáticas de campo no intuito de resgatar novos elementos para compor a história desta cidade, onde uma historiografia tradicional há muito vem negligenciando elementos importantes de seu passado, reproduzindo apenas a idéia de uma cidade luxuosa e cosmopolita.

Por esta razão, as descobertas arqueológicas têm contribuído para uma nova visão deste espaço historicamente construído. Questões acerca da higienização, dos hábitos de consumo e dos padrões econômicos revelam um novo paradigma para pensar a cultura pelotense do século XIX. O objetivo principal desta pesquisa é compreender os sítios urbanos em conjunto, já que estes estão diretamente relacionados e interagem entre si. Portanto, embasado pelo conceito de “cidade-sítio”, este projeto vem repensar a ocupação histórica da cidade de Pelotas através da arqueologia.

**Palavras chave: arqueologia histórica, salvamento arqueológico,**

### **Abstract**

The project of archaeological rescue developed in Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil, accomplishes since the year of 2002 a work of systematic archaeological interventions, aiming to rescue new elements to compose the history of this city, in which a traditional historiography has been neglecting important elements of its past, reproducing the idea of a city with a luxurious and cosmopolitan past.

For this reason, the archaeological discoveries have been contributing to a new vision of this historically constructed space. Subjects concerning the sanitary reformation, the consumption uses and the economical patterns, reveal a new paradigm to think the culture of Pelotas during the 19th century. The main objective of this research is to understand the urban archaeological sites as a whole, since these are directly related and interact amongst themselves. Therefore, based on the concept “city-site”, this project makes it possible to reevaluate the historical occupation of the city of Balls through the archaeology.

**Keywords:** Historical Archaeology, Archaeological rescue, Urban Archaeology

### **Introdução:**

*As charqueadas, a cidade de Pelotas, o desenvolvimento histórico da região Sul do Rio Grande do Sul e o potencial arqueológico:*

As charqueadas, estâncias de criação de gado e produção de carne salgada, com base na exploração compulsória da mão de obra africana, constituíram, entre os séculos XVIII e XIX, o núcleo econômico que proporcionou um grande desenvolvimento da cidade de Pelotas. A economia charqueadora constitui-se no pivô de um grande desenvolvimento regional na parte meridional do atual estado do Rio Grande do Sul, nada obstante o primeiro produto de exportação continuasse, a ser ao longo de todo o século XIX, o couro. Este desenvolvimento tinha a cidade

de Pelotas como núcleo de uma economia que envolvia as bases produtivas da matéria-prima nas estâncias, o pólo de produção industrial e comercial em Pelotas, expandindo-se gradativamente para Rio Grande e Bagé. O impacto do crescimento da indústria charqueadora na região espalhou riqueza no campo, levando à constituição de vários pequenos núcleos urbanos na região, muitos deles adquirindo sua autonomia administrativa ao longo do século XIX, sobretudo na segunda metade. Nas suas devidas proporções, estas cidades experimentaram também o rompante de urbanidade, marcado pela substituição, na arquitetura, do estilo colonial luso-brasileiro pelo ecletismo histórico, e pela instalação de empreendimentos comerciais e equipamentos culturais (como teatros), com a chegada de imigrantes nas áreas urbanas, muitos deles chamados “burgueses imigrantes”, pela característica de suas atividades capitalistas.

A região assiste, assim, com a pacificação resultante do estabelecimento dos limites territoriais no início do século XIX, a um grande desenvolvimento da pecuária, que será estimulado pela crescente demanda oriunda da cidade de Pelotas, distante a uma centena de quilômetros da fronteira, onde avançava a economia saladeiril com grande acumulação de capital resultante do uso industrial da matéria prima vacum.

A estância fronteiriça do Rio Grande de São Pedro contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico da província. Em um primeiro momento, fornecia gado e seus derivados para o centro da colônia, ao mesmo tempo em que exercia a função de guarda militar na proteção dos limites de terras da coroa portuguesa. É comum encontrarmos em estâncias da região da fronteiras edificações menores com seteiras, indicando a função militar das mesmas. Num segundo momento, mantendo este caráter militar do estancieiro, passa a atender precipuamente a indústria charqueadora pelotense.

De forma semelhante, no século XIX, as charqueadas são responsáveis pelo forte entrosamento da região no mercado econômico nacional no Império e primeiras décadas da República Velha, inserindo-a, de forma geograficamente periférica, nos ciclos virtuosos de desenvolvimento econômico do país ao longo deste período.

As charqueadas trouxeram um grande impulso econômico para a região, principalmente para as cidades de Bagé e Pelotas, que, no século XIX tornaram-se importantes centros de referencia social e econômica para o Rio Grande do Sul e Brasil.

O grande progresso econômico das charqueadas promoveu um forte movimento de urbanização da região sul. Podemos dizer que a partir do último quartel do século XIX, em diferentes medidas, em uma direção ditada por Pelotas e Rio Grande, as cidades da região sofreram um intenso processo de modernização e europeização urbana, verificada em vários aspectos. Uma parte significativa da riqueza acumulada com a pecuária e indústria saladeiril era reinvestida na modernização da paisagem urbana. Deste modo, surgem nestas cidades de forma recorrente equipamentos urbanos próprios da época; praças remodeladas conforme conceitos de paisagismo e espaço público influenciados pelas idéias vindas da França e Inglaterra; construção de teatros; expansão do ensino particular laico e religioso; fundação de clubes sociais, muitos deles vinculados ao setor comercial, refletindo o fortalecimento desta atividade econômica, como conseqüência da circulação do capital gerado pela indústria charqueadora; surgimento de grupos culturais, ligados sobretudo ao teatro e à música, mas também com expressão na vida literária e intelectual; a substituição progressiva, no estilo arquitetônico, do colonial luso-brasileiro pelo ecletismo histórico; a chegada de imigrantes de diversas origens (franceses, alemães, italianos, libaneses, espanhóis, portugueses e uruguaios), muitos deles sendo responsáveis pelo desenvolvimento do setor de serviços e trabalhos técnicos especializados (arquitetos e artesãos responsáveis pela confecção de escaiolas, estuques e outros ornatos, farmacêuticos, fotógrafos, professores, músicos, pintores, escultores especializados em arte cemiterial, etc.); sofisticação dos cemitérios, como expressão da riqueza do período.

O cenário urbano sofreu profundas alterações, com a construção de casario assobradado, alguns palacetes vinculados à elite charqueadora, prédios requintados como sede dos clubes e Câmaras Municipais (no Império não havia a Prefeitura, sendo esta função atribuição da Câmara Municipal). Todavia, com o crescimento do comércio e outros serviços, em decorrência da circulação do capital charqueador, faz surgir setores livres médios, que espalham pelas ruas das cidades em formação casas com proporções, que se caracterizam pelo apreço neoclássico às fachadas: por todas as cidades, a criatividade de arquitetos jogou com elementos estruturais e ornamentais nas fachadas marcadas pelo ecletismo histórico, fundindo influências culturais de várias regiões, na mesma medida em que parte destes setores médios integravam famílias de

imigrantes que traziam consigo essa diversidade de bagagens culturais, que se mesclavam ao elemento étnico predominante, de fundo luso, e, mais especificamente, açoriano.

O crescimento promovido pela economia charqueadora pode ser observado do ponto de vista da promoção e consolidação político-administrativa dos núcleos urbanos da região. Em 1789, o povoado de Piratinim (atual Piratini) foi elevado à freguesia, o que consistia uma primeira etapa emancipatória, que correspondia à criação de uma paróquia e à construção de uma igreja, em torno da qual se iniciava o processo de urbanização. Seguiram-se a criação das freguesias de Pelotas e Bagé, em 1812. Em 1814, foi a vez da guarda do Serrito do Jaguarão ser elevado a esta categoria. Nas décadas seguintes, observamos a criação de freguesias em outras localidades: em 1825, o povoado da fronteira (Herval); em 1846, Arroio Grande; 1857, Cacimbinhas (atual Pinheiro Machado), encerrando este ciclo.

A promoção à categoria de freguesia atendia à demanda e aos interesses de um núcleo em formação, motivado por um processo inicial de desenvolvimento econômico, que, nesta fase, deve ser debitado ao avanço da pecuária, o qual se beneficiou do gado xucro existente na região, abandonado pelas reduções jesuíticas e que muito estimulava as expedições de bandeirantes à região, que contribuíram com a composição demográfica da sociedade estancieira em formação.

O movimento de decisão política e instalação de vilas, a partir de desmembramentos territoriais e administrativos de Rio Grande, divide-se em duas etapas: antes e depois da Revolução Farroupilha (1835-1845). A elevação à categoria de vila significa a autonomia política para a comunidade local, adquirindo a elite econômica local independência para defesa política de seus interesses com relação ao município-mãe, Rio Grande. As duas etapas emancipatórias correspondem aos dois ciclos de crescimento econômico promovidos pela economia charqueadora, centralizada em Pelotas, nos entornos do arroio Pelotas, mas com impacto sobre a economia de toda a região, que fornecia o gado, a partir de suas estâncias, e, em seus núcleos urbanos intermediários entre as estâncias e as charqueadas, beneficiava-se da movimentação econômica desenvolvendo atividades de natureza comercial e industrial, como a indústria de carros (de tração animal) sediada em Canguçu, que atendia demanda de tropeiros ou as famosas cacimbas da então Pinheiro Machado, que estimulavam a parada de tropeiros nesta localidade.

Desta forma, verificamos, entre 1830 e 1832, no auge do primeiro ciclo charqueador, a criação de três vilas: em 1830, Piratini e Pelotas (esta instalada em 1832) e Jaguarão (1832). Consolida-se assim, nestas localidades, um movimento de nucleação de desenvolvimento urbano, econômico e social já sinalizado anteriormente na criação das freguesias. Este ciclo de crescimento econômico é interrompido pela Revolução Farroupilha e é retomado a partir da segunda metade do século XIX, quando a Província de São Pedro experimenta grande crescimento, baseada nas charqueadas. Neste período, averiguamos que 6 freguesias são promovidas à categoria administrativa de vila, reflexo do crescimento econômico da região charqueadora, crescimento que não se concentra apenas em Pelotas, mas repercute no desenvolvimento de outros núcleos urbanos. Bagé foi a primeira, em 1846. Em 1848 foi aprovada a elevação de Cerrito à condição de vila, fato que nunca se consolidou, pois a decisão legal precisava ser sucedida pelas medidas administrativas necessárias que implicavam a instalação da Câmara Municipal, de uma escola pública e do Pelourinho. Entre 1857 e 1881, são instaladas 5 vilas na região: Canguçu e Cacimbinhas (Pinheiro Machado), em 1857; Arroio Grande, em 1873; e Herval, em 1881. A forte presença do ecletismo histórico no patrimônio arquitetônico destas cidades, assim como a pujança da arte cemiterial até hoje preservada, retrata o desenvolvimento alcançado por estas localidades no final do século XIX e início do século XX.

Destas 8 localidades promovidas à vila no séc. XIX, apenas 4 foram promovidas à cidade. A primeira foi Pelotas, em 1835 (juntamente com Rio Grande), apenas três anos após a instalação da vila, fato que reflete a grande importância econômica e política que a cidade rapidamente adquirira no cenário da Província de Rio Grande de São Pedro; na seqüência, passadas poucas décadas após sua fundação, Pelotas alcançou inclusive influência no quadro político imperial. A promoção às cidades de Jaguarão (1855) e Bagé (1859) coincide com a retomada da economia saladeril na região. No caso de Bagé, percebe-se um intervalo de apenas 13 anos entre a criação da vila e da cidade, o que testemunha seu papel central na economia charqueadora, em um primeiro momento fornecendo gado para Pelotas e, mais tarde, sediando o estabelecimento de charqueadas em seu território. Arroio Grande alcança a condição de cidade pouco após a declaração da República, em 1890, 17 anos após o estabelecimento da vila, apontando um crescimento razoavelmente rápido desta localidade, que crescia numa zona de intersecção entre

Jaguarão e Pelotas, percurso não somente do gado que se direcionava às estâncias, mas igualmente do comércio, que provinha em grande parte do outro lado da fronteira, parte do mesmo de natureza ilegal, contrabandeado.

A desaceleração da economia do charque, no final do século dezenove, repercutiu diretamente sobre o ritmo de emancipação política regional, que, ao estagnar, revela um crescente desprestígio político. Entre 1890 e 1938, é interrompido o movimento de criação de cidades na região. Este fenômeno traduz dois problemas correlacionados, vividos pela área que foi o núcleo regional charqueador, promotor do maior ciclo de desenvolvimento econômico vivido por nosso estado no século XIX. Primeiro, a crise da economia charqueadora, na virada do século XIX para o século XX, comprometeu seriamente o desenvolvimento desta região, levando-a a outras opções econômicas, como a pecuária extensiva e o plantio do arroz, a última gerando uma grande concentração econômica e distribuindo em menor escala na sociedade os seus dividendos econômicos. O segundo aspecto a ser considerado é o alijamento das elites regionais do núcleo do poder na República Velha, na dita República Positivista, já no período castilhistas, acentuando-se no período borgista, com exceção do interregno do governo do médico jaguareense, Carlos Barbosa, comprometido com os interesses econômicos desta região.

Em 1938, durante o Estado Novo, no governo estadual do Interventor Federal Cordeiro de Faria, natural da cidade de Jaguarão, foram criadas quatro cidades: Piratini, Herval, Canguçu e Pinheiro Machado (antiga Cacimbinhas). No caso de Piratini, observamos uma interrupção em sua tendência de crescimento econômico e político após a capitulação dos farroupilhas no Tratado de Ponche Verde, em 1845. Primeira freguesia a iniciar seu movimento de autonomia face à Rio Grande (1789), promovida à vila juntamente à Pelotas, em 1830, precisou esperar 138 anos para ser elevada a cidade, para o que Pelotas precisou esperar poucos anos. No caso de Herval do Sul, observa-se uma situação semelhante: promovida a freguesia em 1825, apenas 13 anos após Pelotas e 11 após Jaguarão, foi promovida a cidade apenas 103 anos após a primeira e 83 anos após a segunda.

Como vimos, ao longo do séc. XIX, a circulação regional dos produtos entre as cidades maiores, como Bagé, Jaguarão, Piratini e Pelotas, contribuiu para a formação e crescimento de povoados que mais tarde se tornaram centros urbanos e permitiram a fixação de etnias dedicadas ao comércio, como árabes libaneses (então conhecidos como turcos, por portarem esta identificação de nacionalidade em seus passaportes), cuja presença deixa até hoje fortes vestígios nas cidades mais próximas da fronteira, como Herval e Arroio Grande. Entre as cidades, circulavam ambulantes (mascates, caixeiros viajantes). Toda a mercadoria na região era transportada em *carretas de boi*<sup>1</sup>, responsáveis pela abertura de caminhos cortando o pampa e promovendo a formação de povoados, como Cacimbinhas (atual Pinheiro Machado), Paraíso, posteriormente denominado Olimpo, integrando a atual Pedro Osório.

A economia charqueadora gerou, em seus pólos industriais, como Pelotas e Bagé, uma grande concentração de mão de obra escrava ao longo do século XIX. No Segundo Império, esta região apresentava um dos maiores contingentes de cativos africanos do país, concentrados sobretudo em Pelotas. Isto explica a grande contribuição dos afro-descendentes para a formação histórica, cultural e social da região. Alguns elementos particulares na cultura musical, religiosidade e gastronomia da região devem-se à contribuição deste elemento étnico. A escravidão, ao longo do século XIX, submeteu as populações cativas de origem africana a níveis elevados e com frequência insuportáveis de exploração, motivo pelo qual muitos praticaram formas variadas de resistência a este regime. Uma das principais formas foi a fuga e criação de comunidades, em meio ao mato, distantes das cidades e do controle policial. Essas comunidades eram chamadas de **quilombos** e estes negros refugiados eram denominados quilombolas. A análise da topografia da região apontará uma série de localidades e acidentes geográficos denominados quilombo; por vezes alguns acidentes geográficos recebem denominação em linguagem africana, como o Cerro do Quinongongo, no distrito do Rincão da Cruz, na zona colonial de Pelotas, no limite com o município de Canguçu. Em algumas regiões rurais da área de nosso estudo, encontram-se ainda algumas comunidades de descendentes de negros aquilombados.

Outro aspecto importante para compreendermos o desenvolvimento da região no século XIX, do ponto de vista étnico, cultural, econômico e fundiário, foi a instalação de colônias rurais de imigrantes europeus, aos moldes do que vinha sendo feito no nordeste do Estado, deste a criação da colônia alemã em São Leopoldo em 1824. A criação destas colônias, na Zona Sul, após as

primeiras colônias criadas entre 1849 e 1850 em Pelotas (Nova Cambria, Dom Pedro II e Monte Bonito, com ingleses, gaélicos, irlandeses, austríacos e prussianos), foi acelerada a partir da instalação da **Colônia Rheingantz**, em São Lourenço, em 1858, próximo à antiga sede deste município (**Boqueirão**). A peculiaridade desta colônia é a introdução no estado de imigrantes pomeranos, que não devem ser confundidos com alemães, falando uma língua própria, que não é caracterizada como um dialeto. Estas colônias se expandiram, a partir das zonas lindeiras de São Lourenço com Canguçu e Pelotas, para outros municípios. A particularidade desta região no movimento de criação de colônias é a diversidade das etnias: alemã, pomerana, inglesa, irlandesa, gaélica, italiana e francesa. No que se refere aos municípios circunvizinhos, este movimento de criação de colônias em terras devolutas, na área rural, foi determinante igualmente na formação econômica e cultural de Canguçu, Morro Redondo, Pedro Osório e Cerrito, que possuem áreas configuradas sob a influência histórica e cultural dos colonos europeus.

A presença do imigrante alemão e pomerano, do ponto de vista cultural, coloca pela primeira vez a diversidade de religiões cristãs, com a introdução de cultos evangélicos luteranos, paralelamente ao culto católico, predominante entre os descendentes de italianos e franceses. Deste modo, já no século XIX, a chegada de imigrantes relativizou o predomínio católico na região, com a introdução de cultos evangélicos na área colonial de imigração, bem como pela presença nas cidades da região de judeus, maçons, muçulmanos, espíritas e seguidores de cultos de origem africana.

Pelotas, no século XIX, além de pólo da indústria saladeril, foi, juntamente com Rio Grande, o dois principais núcleos da primeira fase de industrialização de nosso estado, que transcorreu entre o último quartel do século XIX e o primeiro quartel do século XX. Esta atividade industrial continuou a gerar demanda pela pecuária desenvolvida na área rural dos municípios que integram nossa região de estudo, de Bagé a Pelotas, no sentido Norte-Sul, e de Canguçu a Jaguarão, no sentido Leste-Oeste. Desde o final do século XIX, assistimos a um desenvolvimento da indústria têxtil, centrado nos municípios de Rio Grande (*Fábrica Rheingantz*) e Pelotas (*Fiação e Tecidos Pelotenses*).

Este desenvolvimento industrial e comercial foi potencializado pela vinda dos assim chamados “burgueses imigrantes” (Soares, 2001) que instalaram na cidade de Pelotas, com seus capitais próprios, importantes investimentos. Em 1861, o alemão Luiz Eggers fundou um fábrica voltado ao aproveitamento de resíduos da atividade charqueadora, a qual foi adquirida em 1871 pelo conterrâneo Frederico Carlos Lang, que criou a *Fábrica de Sabões e Velas*, onde se produziam ainda colas e outros derivados do gado vacum. Em 1874, o português José Álvares Souza Soares, filho de um médico e de uma farmacêutica, criou o *Laboratório Homeopático Souza Soares*, que exportou para todo o país, inclusive instalando uma filial no Porto, em Portugal.

Em 1876, Carlos Ritter, filho de imigrantes alemães, fundou a *Cervejaria Ritter*, que era uma das maiores cervejarias do Brasil, produzindo, na virada do século, 4,5 milhões de garrafas por ano, tendo obtido prêmios internacionais, cuja qualidade era garantida pela importação de equipamentos e técnicos alemães. Em 1889, Leopold Haertel, descendente de alemães nascido em Porto Alegre, estabelece em Pelotas a *Cervejaria Rio-grandense*, contando com a sociedade de Carlos Ritter. Em 1911, o pólo cervejeiro pelotense alcança a produção anual de 6 milhões de garrafas, além de gelo e gasosas, chegando a empregar 250 operários. Em 1881, Cordero e Wiener instalaram a *Fábrica de Chapéus*, adquirida em 1891 por Frederico e Carlos Rheingantz. Em 1895, Julio Hadler e Arthur Lange criaram importante fábrica de curtumes.

No fim do século XIX, os irmãos Echenique dão início à *Livraria e Gráfica Mundial*. A presença dos “burgueses imigrantes” resultou na criação de uma série de casas comerciais, com a influência de várias etnias: *Scholberg & Cia* (1854) e *Bromberg & Cia* (1875) exemplificam a presença alemã; M. Rosselli (1867) é um exemplo de capital de imigrante italiano; a *Casa Beiro*, existente até poucos anos atrás, pertencia a imigrantes portugueses; a presença sírio-libanesa teve muita força no comércio, por exemplo, com *A Favorita*, de Aziz Nacib Al-Alam) e a *Flor da Syria*, de J. Nicolau Adcuch.

A grande potência que constituiu a pecuária na economia regional, teve como pólo a cidade de Pelotas, tendo exercido liderança definitiva na organização deste setor Ildefonso Simões Lopes Neto, responsável pela fundação, em 1898, da *Sociedade Agrícola e Pastoril do Rio Grande do Sul* (hoje *Associação Rural de Pelotas*). Era comum que os pecuaristas residissem em Pelotas, integrando-se cotidianamente à dinâmica urbana em franca modernização, e

possuíssem suas estâncias, vinculadas às cidades menores da campanha, tais como Herval do Sul, Pinheiro Machado e Arroio Grande.

Os fundamentos da centralidade de Pelotas neste ciclo econômico são constatados por importantes empreendimentos voltados à vida rural feitos no núcleo urbano de Pelotas, entre 1888 e 1918:

- 1888: *Escola de Agronomia e Veterinária* (célula-mãe da Universidade Federal de Pelotas)
- 1897: *Revista Agrícola do Rio Grande do Sul*
- 1898: *Sociedade Agrícola e Pastoril do Rio Grande do Sul*
- 1907: *1º Posto Zootécnico*
- 1908: *1º Congresso Agrícola do Rio Grande do Sul*
- 1914: *Sociedade Avícola Rio Grande do Sul*
- 1918: *1º Instituto de Higiene*

Assim como na pecuária, a cidade de Pelotas teve um papel de liderança e centro econômico regional neste processo de modernização e reciclagem econômica da região da campanha e fronteira meridional: no início do séc. XX, contava com o *Engenho de Arroz São Gonçalo*, pertencente ao Cel. Pedro Osório, que foi grande liderança política local no regime de República Velha, tendo exercido por muitos anos o cargo de intendente municipal durante o período borgista. Usou de sua influência política regional para divulgar e disseminar o plantio do arroz irrigado, que se espalhou pelas planícies costeiras, beneficiando-se da fartura de recursos hídricos existente na região.

Assim, Pelotas, durante os três primeiros quartéis do séc. XX despontou como um grande centro econômico baseado na indústria agro-pastoril, secundada por Bagé que exercia uma hegemonia econômica secundária, concorrente nas mesmas atividades econômicas. Na região entre Bagé e Pelotas, um amplo espectro de cidades encontrou pujança em sua zona rural, baseando-se no latifúndio pecuarista (gado vacum e ovino) ou monocultor (arroz) que promoviam uma valorização da economia rural agro-pastoril.

No final da República Velha, algumas decisões políticas do PRR aguçaram o enfraquecimento econômico da região, relativamente ao núcleo político-econômico que favorecia a capital e a Serra, reforçando o alijamento das elites políticas locais dos centros decisórios, diferentemente de décadas anteriores, quando vários políticos pelotenses e de outras cidades da região exerceram grande influência no cenário político estadual e nacional. Dois fatos que marcam a descapitalização da região e seu distanciamento dos interesses econômicos defendidos pelo governo estadual na República Velha foram a encampação do *Porto de Rio Grande* (1919) e a liquidação do *Banco Pelotense* (1931).

Este processo freou o avanço da urbanização e modernização que se manifestou na região de forma tão acentuada na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do séc. XX. O aspecto positivo desta relativa estagnação no processo de urbanização é a conservação, em várias cidades da região, de cenários urbanos e arquitetônicos do final do séc. XIX e início do séc. XX, com grande riqueza patrimonial nos estilos do ecletismo histórico, Art-Nouveau, Art-Déco e Proto-modernismo.

De um modo geral, a economia regional diminuiu em diversidade, comparativamente ao ciclo de desenvolvimento havido no séc. XIX, alimentado pela economia charqueadora, que gerara, como consequência daquela primeira fase de acumulação do capital, ciclos de industrialização em outras áreas, como a produção de cerveja, louça, tecidos, papel, cera, sebo, velas e vidros, além da grande atração de imigrantes urbanos para atuarem no setor de serviços especializados (fotógrafos, dentistas, professores, chapeleiros, alfaiates, estucadores, arquitetos, escultores, etc.).

A concentração no setor agro-pastoril criou uma grande fragilidade, responsável pela dificuldade da economia regional em responder aos desafios econômicos colocados a partir da segunda crise do petróleo, no início da década de 80 do séc. XX, que marcou o início de uma fase de duas décadas de desestruturação de toda a base agro-pastoril e agro-industrial que garantiu a sustentabilidade da região por mais de 7 décadas.

Entre os anos 80 e 90, Pelotas e a região circunvizinha, acompanhou, atônita e sem reação, o fechamento de fábricas de conserva, de frigoríficos, de laneiras, de engenhos de arroz. Dia após dia, símbolos da economia regional faliram: *Frigorífico Anglo*, *Fábrica Rheingantz*, *Frigorífico Casarin*, *Cica* (fechou sua fábrica de conservas em Pelotas), etc. Na base agro-pastoril,

os municípios rurais, situados entre Pelotas e Bagé, entraram em uma forte crise econômica, com a subsequente desvalorização da terra. Nas últimas três décadas, a pecuária e a orizicultura, apesar de contarem com mercado garantido para seus produtos, não têm encontrado políticas adequadas por parte do governo federal. A partir dos anos 80, muitos produtores rurais, sobretudo pecuaristas, decidiram pelo abandono da atividade pastoril como alternativa econômica, em muitos casos seus vínculos com as fazendas mantendo-se apenas enquanto vínculos afetivos, uma vez que as vocações profissionais dos membros das famílias de agro-pecuaristas direcionaram-se para o mundo urbano, para as profissões liberais e para o funcionalismo público.

Este processo recessivo vivido por Pelotas na segunda metade do século XX estancou parcialmente o acelerado ritmo de remodelamento da paisagem urbana que a maioria das cidades brasileiras viveram, sobretudo entre os anos 1960 e 1970, sob a égide de um conceito que vinculava a idéia de progresso a substituição do velho pelo novo. Deste modo, o subsolo urbano de Pelotas possui enorme potencial para o estudo da vida social, cultural e econômica ao longo do século XIX e primeiras décadas do século XX, o que se constitui em um estudo de destacada importância, haja vista a centralidade histórica da cidade de Pelotas no processo de desenvolvimento econômico e cultural que a Província de São Pedro viveu no período.

O projeto de Arqueologia histórica de Pelotas tem como objetivo gerar uma interpretação deste período, com base em uma compreensão do conjunto dos remanescentes materiais, em cota negativa e positiva, procurando deslindar tanto as estruturas quanto os objetos que remontam ao século XIX e início do século XX. Esta pesquisa deverá incluir a integração de dados do processo de urbanização da cidade, referentes a diferentes regiões, urbanas, peri-urbanas e rurais, incluindo o centro, a zona industrial e portuária, as charqueadas, o litoral e Ilha da Feitoria, bem como a região colonial serrana.

### **Histórico do Projeto**

Por meio da articulação entre o **Projeto de Salvamento Arqueológico de Pelotas** e o **Projeto de Mapeamento Arqueológico de Pelotas e Região**, bem como pela articulação com os estudos de memória (material, oral e visual) da presença das diferentes etnias na região rural, que resultou no **Projeto Circuito de Museu Étnicos** (circuito de museus etnográficos das presenças italiana, francesa e pomerana na Serra dos Tapes), o Laboratório de Antropologia e Arqueologia (LEPAARQ/UFPEL) vem construindo, a longo prazo, um amplo banco de dados para a constituição de uma sólida Arqueologia histórica da cidade. A base inicial deste projeto consiste no estudo do núcleo histórico da Praça Cel. Pedro Osório, constituído por suntuosos casarões da elite pelotense oitocentista, bem como por prédios de natureza cultural (*Theatro Sete de Abril* e *Biblioteca Pública Pelotense*), administrativa (Prefeitura Municipal de Pelotas), comercial (*Grande Hotel*, *Mercado Público*) e de lazer (*Praça Cel. Pedro Osório* e seus equipamentos).

Este estudo vem sendo desenvolvido desde 2002, envolvendo várias pesquisas acadêmicas (trabalhos de conclusão de curso, monografia de especialização, projeto de mestrado, pesquisas de iniciação científica), associado ao Programa BID-Monumenta, desenvolvido em consórcio com a Prefeitura Municipal de Pelotas. Na fase inicial da pesquisa, enfocou-se sobretudo o século XIX, motivo pelo qual apresentamos mais abaixo um histórico sucinto da cidade de Pelotas e da área em que foram realizadas as intervenções arqueológicas.

A interpretação destes dados, após os estudos intra-sítio e os estudos das coleções (elaboração dos catálogos por tipo de material), se baseará em um diálogo com as evidências históricas de natureza escrita, oral e visual, considerando a perspectiva regional apresentada acima, na qual o desenvolvimento da cidade de Pelotas se insere. Ou seja, falaremos, no futuro, de uma Arqueologia histórica de Pelotas **com região**, evitando o estudo da cidade em isolado. Até o momento, a pesquisa limita-se à interpretação dos sítios e ao estudo da cultura material exumada.

O **Projeto de Salvamento Arqueológico** foi inicialmente desenvolvido para atuar nas áreas de intervenção do Programa BID Monumenta, programa coordenado em escala nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/MinC), visando à recuperação de importantes centros históricos, como é o caso de Pelotas. Atualmente o projeto está em fase de extensão, visando também à atuação no espaço periférico, que abrange a antiga ocupação charqueadora, assim como a área industrial e rural, no intuito de compreender a “cidade-sítio” em sua totalidade, ou seja, integrado as áreas diretamente relacionadas ao núcleo urbano.

Este projeto teve início em 2002, com o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de restauro na *Casa 8* e *Fonte das Nereidas* (chafariz central da Praça Cel. Pedro Osório), seguido da escavação arqueológica no pátio da *Casa 2* até o ano de 2003. Em 2004, realizou-se, na Praça Cel. Pedro Osório, uma intervenção metodologicamente mais rigorosa, fazendo-se necessário outra escavação, no ano de 2005, no local que apresentou maior concentração de materiais arqueológicos. Entre 2005 e 2006, devido às obras de revitalização na Praça Cel. Pedro Osório, no largo do Mercado Público e nas calçadas dos becos do centro histórico, efetivou-se o acompanhamento das remoções de terra, corroborando o potencial arqueológico da área central da cidade.

Os achados arqueológicos exumados em campo são conservados no Laboratório de Antropologia e Arqueologia da UFPEL, passando por detalhado processo de estudo e acondicionamento. Foram elaborados catálogos e artigos interpretativos referentes a estes sítios e suas respectivas coleções arqueológicas, com destaque aos catálogos da *Casa 8*, respectivamente de faiança fina, grês e material arqueo-faunístico, estando em processo inicial de elaboração a catalogação dos vidros.

O projeto avançou conceitualmente para um nível mais amplo de Arqueologia histórica de Pelotas, devendo incluir outras áreas urbanas, como a área das charqueadas junto ao Arroio Pelotas (representativa dos séculos XVIII e XIX), a área industrial e portuária (representativa da primeira metade do séc. XX), o *Parque Municipal Museu da Baronesa* e a zona de colônias de imigração da área rural.

Este projeto constitui, assim, um estudo de Arqueologia Histórica que visa a colocar sobre uma mesma base de dados as evidências da cultura material de Pelotas do séc. XVIII, XIX e início do séc. XX, levantadas em diferentes áreas do atual município, retratando distintos aspectos do processo de desenvolvimento urbano e rural da cidade.

#### *Breve histórico de Pelotas nos séculos XIX e XX:*

O estabelecimento de aproximadamente trinta indústrias saladeiris, às margens do canal São Gonçalo e arroio Pelotas, impulsionaram o desenvolvimento do povoado, a autonomia provincial, bem como a formação de uma elite política e econômica, que aplicou estes recursos numa série de transformações sócio-culturais levando à urbanização e sofisticação dos hábitos de consumo (Magalhães, 1993).

O primeiro povoado surgiu às margens do Arroio Pelotas, onde foi iniciado o primeiro núcleo urbano planejado, posteriormente abandonado: área denominada Passo dos Negros. Como resultado do crescimento econômico, em 1812 as autoridades reais elevaram Pelotas à condição de freguesia, oficialmente chamada de São Francisco de Paula. Em 1815, foi planejado e executado o assim chamado primeiro loteamento (Imagem 1), que seguia um traçado hipodâmico em xadrez. Em 1830, devido às demandas de um estilo de vida mais urbano, em razão da influência que adquirira no cenário da Província do Rio Grande de São Pedro, foi redigido o decreto imperial que elevava Pelotas à condição de vila, consagrando sua autonomia administrativa em relação a Rio Grande. A Vila de São Francisco de Paula foi estabelecida em 7 de abril de 1832.

Com o crescimento demográfico e administrativo, tornou-se necessária uma readequação urbana. Procedeu-se então ao assim chamado segundo loteamento (Imagem 1), planejado e executado pelo engenheiro alemão Eduardo Kretschmar, que deu seqüência ao plano quadricular e que só foi completamente ocupado e urbanizado após os trabalhos de drenagem, nesta que era uma várzea alagadiça, realizados em meados da década de 1870, período de construção das Casas 6 e 8, de reforma da Casa 2 e de instalação do chafariz, posteriormente chamado de *Fonte das Nereidas*.

No plano urbanístico, no que se refere à atual Praça Cel. Pedro Osório, seus arredores tornaram-se cenário da emulação das elites charqueadoras e estancieiras, que procuraram edificar, junto à praça ou nas ruas circunvizinhas, palacetes cujas fachadas espetacularizavam o status social e cultural que desejavam ostentar.

A área urbana do município de Pelotas apresentava-se, até início dos anos 2000, como um território intocado pelas pesquisas no campo da Arqueologia Histórica e, mais precisamente, da Arqueologia Urbana. As transformações econômicas do século XX e o deslocamento do eixo produtivo no Estado geraram um processo de estagnação econômica na região sul e resultaram em uma parada do tempo na paisagem urbana deste município. Assim grandes áreas ocupadas

no século XIX, que apresentavam um rico desenvolvimento, permanecem sem alterações substanciais até hoje (Cerqueira, 2004).

.Em vista disso, a pesquisa arqueológica encontra um enorme potencial de trabalho, possibilitando um novo olhar sobre o passado, o espaço e suas edificações residenciais ou comerciais, trazendo à luz os grupos esquecidos nos subterrâneos da cidade, elementos das relações econômico-sociais urbanas, e avançando no entendimento da evolução da economia charqueadora e seus efeitos sobre a urbanização de Pelotas, a partir do estudo da cultura material resgatada nos pátios, porões, calçadas e praças.

## Os sítios trabalhados

### PSGPe 1 – Casa 8 – Residência Conselheiro Antunes Maciel

A Casa 8, também chamada de *Residência Conselheiro Francisco Antunes Maciel*, está localizada na Praça Cel. Pedro Osório nº 8 (Imagem 2). Construída em 1878, para o Conselheiro Francisco Antunes Maciel. Que chegou a Deputado Provincial e Deputado Geral pelo Partido Liberal, atingindo o posto de Conselheiro do Império e Ministro no Gabinete Lafaiete. O projeto da residência é atribuído a José Izella Merote, autor da *Capela da Santa Casa*, da *Biblioteca Pública Pelotense* e do *Palacete Braga* (Clube Comercial). Uma característica dos sobrados de tradição clássica, construídos a partir da década de 1870, é a existência de porões, os quais, do ponto de vista arqueológico, contribuem para a preservação, sob o solo, do contexto precedente. Os porões da Casa 8 (Imagem 3) possuem entrada lateral, são todos altos e interligados propositadamente, possibilitando primeiramente diminuir a umidade da área de habitação, beneficiando a conservação estrutural da casa. Sobretudo os porões mais próximos do pátio interno (porção ocidental da casa), com um pé direito mais elevado e apresentando registros estruturais de utilização (piso de tijolos, colunas, escada de acesso), devem ter sido usados como setor de serviços, inicialmente pela escravaria e, posteriormente, pelos trabalhadores assalariados. Em épocas mais recentes, os porões serviram de depósito de objetos fora de uso.

Na primeira metade do séc. XX, a casa continuou a ser habitada por descendentes do Conselheiro Maciel. Entre 1955 e 1973, a Casa 8 foi utilizada como *Quartel General do 9º Regimento de Infantaria*, passando posteriormente a ser ocupado por órgãos da Prefeitura Municipal de Pelotas, o que acelerou seu processo de deterioração, agravado pelo subseqüente abandono. Em 2001, ocorreu a intervenção do Ministério Público Federal, exigindo procedimentos de restauração da casa por parte do IPHAN, prevendo recuperação estrutural de telhados e fundações. Em 2002, a casa foi incluída no Programa BID/Monumenta, enquanto recebia recursos do ministério aplicados na consolidação e restauração dos estuques que decoram o forro, no sistema de drenagem e na reforma do telhado. No mesmo ano, por solicitação do IPHAN e da Secretaria Municipal de Cultura, o Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (LEPAARQ/UFPe), iniciou as pesquisas arqueológicas no local.

O sítio arqueológico Casa 8 (Residência Conselheiro Antunes Maciel), situado no coração da área central de Pelotas, nos registros do LEPAARQ recebe sua denominação técnica conforme seu referenciamento geográfico determinado por sua pertença à bacia hidrográfica da Laguna dos Patos, próximo ao Canal São Gonçalo e ao Arroio Pepino, o que define sua nomenclatura técnica: **Sítio PSGPe-01 - Casa 8.**

Os procedimentos de salvamento nos porões e pátios da Casa 8, realizados pela equipe do LEPAARQ, tiveram início em março de 2002, aproximadamente uma semana após terem sido iniciados os trabalhos da empresa de engenharia responsável pelas obras de recuperação do telhado e construção do um sistema de drenagem. Por esse motivo, o trabalho de salvamento ocorreu em ritmo de acompanhamento arqueológico da retirada de terra pelos operários. Nos pátios e calçadas, foi possível que utilizássemos uma metodologia de escavação através da delimitação de quadrículas e trincheiras, mas mesmo neste caso a identificação das camadas estratigráficas ficou prejudicada pelas condições do solo (extremamente úmido, quando não alagadiço). A preocupação da equipe de arqueologia durante o salvamento foi retirar o maior número de fragmentos possível e coletar todas as informações relativas à área de intervenção, registrando, por meio de desenhos e fotografias, as estruturas em cota negativa e os antigos sistemas de encanamentos de água e esgoto.

O ritmo acelerado dos operários impossibilitou também que peneirássemos a terra para retirada de micro-fragmentos. Os porões foram escavados no sistema de decapagem de trincheiras, até uma profundidade de 50 cm. Na área do pátio, mesmo escavando em sistema de quadrículas, também trabalhamos com um nível único de 0-50 cm. Em alguns setores a equipe de engenharia, em virtude da realização de poços de drenagem, cavou até uma profundidade de 1m, possibilitando que fizéssemos uma sondagem mais profunda do terreno. Alguns procedimentos que regularmente antecedem às escavações precisaram ser postergados para etapas subseqüentes de trabalho. Este foi o caso da pesquisa histórica, envolvendo fontes bibliográficas e iconográficas, entre as quais plantas, mapas, fotos e pinturas, além da documentação primária, como inventários, escrituras, jornais e entrevistas com antigos moradores e/ou descendentes. No total, foram escavados 48 setores, entre porões, pátios, jardins e calçadas. No pátio externo, foi detectada a maior concentração de material, bem como a maior diversidade.

Para a classificação, o material exumado na *Casa 8* foi separado de acordo com a matéria-prima: material ósseo, material cerâmico (cerâmica simples, grés, louça, azulejos), vidro, metal, tecido, couro, plástico, etc.

O acervo arqueológico proveniente da *Casa 8* é bastante diversificado, ocorrendo diferentes tipos de metais, louças inglesas e portuguesas, azulejos franceses, tijolos e telhas produzidos pelos escravos nas olarias de propriedade dos charqueadores da cidade, garrafas de vidro de diferentes tipo de bebida, grande quantidade e diversidade de ossos de várias espécies de animais, etc. Até o momento, foram produzidos os catálogos de faiança fina, grés e material arqueofaunístico, com relação aos quais podemos apontar alguns resultados preliminares:

#### *Análise da faiança fina:*

Os primeiros resultados da análise indicam que a maior parte dos fragmentos de louça segue padrões *branco*, *Shell Edged* e as *faixas* (Imagens 4, 5, 6), o que, com base na escala de Miller (Symanski, 2002), representa louça de menor valor. Um número bem menor de fragmentos está relacionado com louças que seguem padrões *geométricos*, *paisagens chinesas*, *pintadas à mão*, *decalcadas* e as *louças brancas de melhor qualidade*, representando o top de linha da mais cara louça produzida no século XIX (Brancante, 1981).

As formas vão de urinóis a biscuit. Encontramos uma grande variedade de objetos ligados à alimentação, como sopeiras, travessas, xícaras, bules, malgas, pratos rasos e fundos e potes de alimentos industrializados, como um pote de mostarda datado do início do séc. XX, importado da Holanda. A maioria desses objetos é encontrada em diferentes padrões decorativos que vão da louça branca ao borrão. Também encontramos diversidade de matéria prima, que pode variar entre a cerâmica (faiança), a faiança fina e a porcelana (Schávelzon, 2001)

Os utensílios relacionados aos hábitos de higiene e saúde também aparecem, mas até o momento só foi possível identificar urinóis (padrão floral pintado à mão) (Imagem 7), uma bacia (lavatório – padrão *carimbado*) (Imagem 8) e potes de unguento.

A fabricação das louças encontradas neste sítio tem datas que vão desde 1775 até meados do século XX, o que precisará ser analisado minuciosamente para a compreensão do depósito de detritos domésticos urbanos na lixeira (ou melhor, nas lixeiras) encontrada(s) nas escavações da *Casa 8*, cuja construção data de 1878. Outro fato observado e que torna este sítio peculiar é a grande variedade de tipos e padrões decorativos. Na bibliografia especializada (catálogos de louças e artigos publicados da área de Arqueologia histórica) a que temos acesso não encontramos referências a vários destes tipos e padrões. A falta dessas torna o trabalho de identificação das louças mais demorado, já que é necessário recorrer a outras fontes, como por exemplo, algumas coleções particulares e, em alguns casos, *sites* de algumas fábricas, os quais majoritariamente não trazem informações relativas a louças dos períodos em estudo. Lembremos aqui que muitas dessas fábricas deixaram de existir, ou simplesmente receberam outras denominações, fato que dificulta, ou impossibilita, a sua identificação.

Outro fato observado é que a distribuição dos fragmentos, nos diversos setores, não segue um padrão, ou seja, tanto nos espaços internos (porões) quanto nos externos (pátios, jardins e calçadas) encontramos louças de diversos períodos de fabricação. As mais antigas têm como período **final de fabricação** as décadas de 40 a 70 do século XIX. Um exemplo disso é a louça *Shell Edged* com pintura na cor verde, também chamada *Green edged* (Imagem 5). As mais tardias têm **início de fabricação** na década de 1870, estendendo-se sua produção aos dias atuais, como é o caso das louças brancas com frisos dourados (Peixoto, 2004).

A presença de louças mais antigas junto com louças cuja fabricação se estendeu a períodos mais recentes, ocorrendo de forma dispersa em todo o sítio, dificulta o entendimento dos padrões de deposição deste material, não permitindo inclusive estabelecer a relação estratigráfica padrão entre profundidade e antigüidade. Por exemplo, na *trincheira norte*, encontramos, em um nível de aproximadamente 20cm, fragmentos de uma peça (urinol) com decoração floral, pintada à mão, cuja data de final de fabricação está em torno da década de 1840 (Imagem 7). Em níveis estratigráficos abaixo deste achado, foram localizados fragmentos de peças cuja fabricação inicia em período posterior e, em alguns casos, avança no séc. XX (Peixoto, 2004).

No entanto, essas constatações reforçam a hipótese formulada com base na intervenção de campo, de que tínhamos uma “lixeira coletiva” anterior à construção da casa (1878) e uma lixeira, posterior, formada no período de ocupação da casa, localizada no pátio interno. Os materiais com fabricação inicial posterior à década de 1870 podem pertencer ao depósito de lixo do período posterior à construção da *Casa 8* (1878), enquanto os materiais cuja fabricação encerrou antes – e em alguns casos muito antes – da construção da mesma casa, devem pertencer à “lixeira coletiva”.

Em favor da possibilidade de depósitos de lixo posterior à construção da *Casa 8* estão os achados no *porão 22*. Entre eles, destacamos uma bacia com decoração carimbada (Imagem 8), encontrada em um nível de aproximadamente 1m. Essa profundidade é excepcional no contexto arqueológico da *Casa 8*, pois em todos os demais setores (porões, pátios e calçadas) não foi encontrado material abaixo de 50 cm. A decoração carimbada tem data de fabricação entre 1840 e 1900. Uma particularidade desta peça é que ela foi encontrada associada a outros objetos, um deles um bule com decoração floral (Imagem 9), no interior de uma caixa de madeira, na qual a maioria dos objetos se encontrava em ótimo estado de conservação. É claro que o depósito de lixo da caixa de madeira do *porão 22* constitui uma situação distinta, porque planejada, do abandono casual de peças em níveis superficiais, como é o caso do pote de mostrada holandesa datado do início do séc. XX.

Estas situações podem sugerir outras hipóteses ao longo do processo de análise dos dados como, por exemplo, a utilização deste espaço como lixeira de uma edificação próxima, construída na década de 1830, ou ainda, este material ser lixo produzido pelos próprios moradores da *Casa 8*.

#### *Análise da grés:*

Na análise do material cerâmico grés, os dados quantitativos e qualitativos, sustentados pelas informações bibliográficas, levaram à identificação de peças como garrafas de cerveja, garrafas de genebra, tinteiros, vasilhas, bem como a utilização do grés em manilhas hidráulicas. Entre estes, algumas peças foram reconstituídas em seu formato quase original (Imagem 10). O trabalho de montagem dos fragmentos de grés sugeriu a hipótese de uma lixeira anterior à construção da casa, uma vez que a recomposição utilizou-se de fragmentos encontrados em diferentes porões.

A partir da análise técnico-tipológica realizada com o material cerâmico grés, foi possível perceber alguns elementos relacionados ao cotidiano e aos hábitos de consumo da elite e setores médios pelotenses do século XIX. Hábitos influenciados por uma forte “europeização” da cultura, expressos na diversidade de utensílios de grés importados de países como Holanda, Alemanha e Inglaterra, o que demonstra também que o estudo desta dimensão da cultura material pode desvendar aspectos econômicos, como por exemplo, as relações comerciais de Pelotas neste período.

#### *Análise do material arqueofaunístico:*

O catálogo, entre seus resultados, permite identificar que havia uma quantidade bem diversificada de ossos de vários *taxa* (na maioria espécimens domésticos, com algumas exceções peculiares). Pelas marcas de descarnamento presentes na grande maioria dos ossos, os animais que faziam parte da alimentação das pessoas na Pelotas do século XIX eram o boi, porco, aves e peixes. Quanto aos moluscos, por terem sido encontrados em pouca quantidade e por não apresentarem marcas de consumo, não podemos afirmar que faziam parte da dieta – inclusive, nos relatos de viajantes, não há registro desse hábito alimentar.

Pelas fraturas encontradas em ossos grandes de bovinos, deduz-se que era um hábito comum o consumo de tutano em feijão e sopas. Do mesmo modo, era muito freqüente o cozimento das patas de boi para retirada do mocotó, o que ficou evidenciado pela grande quantidade destes ossos encontrados na escavação da *Casa 8*. Inspirando-se na analogia com a

culinária regional atual, pode-se supor a utilização desta parte do animal para o preparo de sopa de feijão ou do conhecido “mocotó”. No entanto, os relatos dos viajantes não mencionam a utilização do mocotó, seja como óleo culinário ou como incremento da sopa de feijão (*apud* Nobre, 2003). Segundo Seidler (*apud* Nobre, 2003), não era hábito o consumo de legumes ou farinha, sendo até mesmo o pão pouco conhecido na região de Pelotas. Há referências para o consumo de feijão preto, apesar de muito raro, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. O “mocotó” é um prato regional tradicional, que consiste numa sopa de feijão branco composta por vários ingredientes, incluindo diversas partes do boi como as patas e o intestino, entre outros ingredientes. Apesar de provável, não podemos ainda comprovar o consumo do “mocotó” no séc. XIX, pois nenhum dos viajantes pesquisados o menciona.

Até o momento, pensava-se, conforme os testemunhos escritos conhecidos, que os animais seriam abatidos nas charqueadas e somente depois suas partes para consumo alimentar seriam levadas para a residência, descartando-se ainda na unidade produtiva as vísceras e o crânio que eram usados para fabricação de gordura e os chifres que eram geralmente exportados. Considerando que o boi era desossado para obtenção das mantas de charque, e que os ossos eram usados para fabricação de gordura e sebo, a ocorrência, na escavação da lixeira localizada sob a Casa 8, de diversos fragmentos de crânio, acetábulo, fêmur, tíbia, entre outros elementos, sugere-nos que no princípio da formação do núcleo urbano havia um local de abate nos arredores da residência, o que está evidenciado também através da revelação, durante as escavações, de um sínclino bovino e um cálculo renal. Esse dado nos possibilita considerar o abate de animais próximo à residência urbana, em épocas em que não havia uma separação mais definida entre área urbana e a rural.

O que é perceptível, através dos resultados obtidos até o momento nesta pesquisa, é que o consumo de carne era muito elevado na época, bem como o consumo de peixes devido à grande quantidade de fragmentos encontrados, e que, apesar dos viajantes pesquisados relatarem o pouco consumo de legumes, a produção de sopas era elevada devido às fraturas identificadas nos ossos e nos elementos encontrados em maior quantidade, tais como fêmur, tíbia e úmero.

O aprofundamento da pesquisa sobre o uso e consumo dos animais na vida diária da Pelotas do séc. XIX, seja no que se refere aos hábitos alimentares ou à reutilização econômica de material faunístico, requer um estudo integrado dos relatos de viajantes e naturalistas daquele período, bem como um estudo mais detalhado da economia da época. A antropologia da alimentação poderá fornecer referenciais importantes para interpretação do consumo alimentar baseado nos animais.

## **PSGPe 2 - Casa 2 - Residência Barão de Butuí**

**Descrição histórica:** Construída por José Vieira Viana, proprietário de charqueada com olaria e fábrica de sabão. Posteriormente, a casa foi adquirida pelo charqueador José Antônio Moreira (Barão de Butuí). Em 1880, sofreu grande reforma atribuída ao arquiteto José Izella Merote. Este buscou “modernizar” e adequar a casa à linguagem dos dois vizinhos (casas 6 e 8, ambas atribuídas também a José Izella Merote), incorporando elementos da arquitetura clássica e mascarando sua aparência colonial inicial. No séc. XX serviu de anexo do *Grande Hotel*. (Soares & Varoto, 1997:74)

**Procedimentos adotados:** Nesta escavação, pôde-se aplicar uma metodologia arqueológica mais rigorosa em um cronograma mais adequado, na medida em que a casa não estava sendo objeto de restauração. Procedeu-se então às coletas superficiais sistemáticas, altimetria e sondagens com geo-indicadores. Foram definidas 3 quadrículas de 1x1m na área dos jardins, as quais, escavadas, serviram como referência para o controle estratigráfico do sítio. As quadrículas foram escavadas em níveis artificiais de 10 cm. Além das três quadrículas situadas na área do antigo jardim, foi estabelecida uma trincheira em forma de “L”, no sentido L-O e, partindo do extremo O, no sentido S-N; a referida trincheira compõe-se de 12 quadrículas de 0.50x1m na área mais baixa do pátio (setor Sudeste).

Para cada nível artificial escavado nas quadrículas, foram elaborados croquis com a disposição tridimensional de cada peça exumada, buscado uma melhor percepção da disposição de fragmentos em relação à área específica do jardim e ao contexto do pátio. O material recolhido

foi etiquetado conforme sua localização no sítio e acondicionado de forma a garantir sua integridade física.

As escavações atingiram profundidades que variaram entre 60 cm e 1m, sendo que, na região da trincheira de sentido S-N, evidenciou-se uma estrutura que nos levou a ampliar a área de intervenção inicialmente pretendida. Com isso, terminamos por escavar um total de 47 quadrículas, 42 de 1m x 1m, e 5 de 0.50m x 1m; do total de 47 quadrículas, 37 fazem parte do local onde se encontra a estrutura de tijolos. Soterrada a 2,10 m do ponto 0, e ocupando uma área de aproximadamente 34 m<sup>2</sup> com desenho elipsoidal, cujas paredes externas são formadas apenas pela sobreposição de duas camadas de pedaços de tijolos sem rejunte ou base, tendo no seu centro no sentido longitudinal de seu desenho e direção sul norte um retângulo em alvenaria medindo aproximadamente 6m de comprimento por 2m de largura dividido em três áreas (tanques). Esta parte interna da estrutura apresenta uma construção diferenciada com suas paredes elevando-se à sobreposição de três tijolos e no tanque central a quatro, rejuntados com argamassa da mesma forma que na base (Imagem 12).

Pela relevância da estrutura escavada, desenvolvemos no presente pesquisas bibliográfica e documental sobre as estruturas produtivas no período das sesmarias e primeiro ciclo charqueador (até a Revolução Farroupilha). Na parte interior, existe a evidência de que grande quantidade de cal fosse utilizada ou produzida neste local, o que permitiu levantar a hipótese de que a referida estrutura pudesse ser uma caieira - tanque de produção de cal a partir da queima de material ósseo, refugo abundante da produção charqueadora. Os testemunhos históricos reportam que existiam muitas caieiras em Pelotas, sendo este cal de origem animal inclusive exportado; a favor desta hipótese interpretativa, as escavações no entorno do tanque evidenciaram uma quantidade de material calcinado acima da média encontrada em lixeiras – somando-se ao fato de que, onde este material calcinado foi encontrado, não há vestígios significativos que permitam pensar em uma lixeira ou fogueira.

Com a ampliação das escavações, face à estrutura evidenciada, o trabalho prolongou-se até o mês de outubro de 2003, abrangendo praticamente toda a região leste do pátio. Seguiram-se nos dois meses seguintes alguns cuidados e precauções para que esta se mantivesse preservada. A área foi drenada e coberta com areia grossa suficiente para a devida proteção da estrutura, e por fim com uma última camada da mesma terra retirada pelas escavações, o que ocorreu em várias etapas adequando-se as acomodações naturais do aterramento.

### **Sítio PSGPe 3 - Praça Cel. Pedro Osório**

Na década de 30 do séc. XIX, fazendo-se necessária a expansão da área urbana, foi estabelecido o segundo loteamento, nas terras de Mariana Eufrásia da Silveira, prevendo, ao centro, a praça, e, em seu entorno, a nova igreja, o quartel e o hospital. A igreja acabou não se transferindo, permanecendo ao centro do primeiro loteamento, onde fora estabelecida em 1812; o quartel e o hospital nunca foram instalados nas áreas que lhes haviam sido previstas, nas quais posteriormente vieram a ser instaladas, na década de 1880, a *Câmara Municipal*, a *Biblioteca Pública Pelotense* e a *Liceu Eliseu Maciel*.

A praça foi criada com o nome de *Praça da Regeneração*, posteriormente renomeada como *Praça Dom Pedro II*. No limite setentrional da praça, foram erguidos, na década de 1830, o *Theatro Sete de Abril*, a *Câmara Municipal* e a *Escola Pública*. No mapa de 1835, aparecem poucas edificações circundando-a, entre as quais destacam-se a *Casa da Banha* e a *Casa 2* (então residência do charqueador José Vieira Viana, posteriormente sendo adquirida pelo Barão de Butuí, que realizou sua reforma em 1880, aos cuidados do arquiteto Izella Merotte). No entanto, a praça permaneceu, durante muitos anos, bastante alagadiça; sua efetiva urbanização ocorreu somente nos anos 70, quando se torna o centro de todo um sistema hidráulico, que incluiu a instalação da *Fonte das Nereidas*. Entre os finais da década de 70 e início da década de 80, o entorno da praça tornou-se um verdadeiro canteiro de obras, recebendo as edificações da atual Prefeitura Municipal (então *Câmara Municipal*), *Biblioteca Pública Pelotense*, *Casa 8*, *Casa 6*, reformas da *Casa 2* e *Escola Eliseu Maciel* (Imagem 13).

O trabalho de arqueologia histórica, desenvolvido na Praça Cel. Pedro Osório, foi realizado ao longo de três campanhas, com intervenções sistemáticas no sítio.

**Campanha 2004 (coordenação de campo de André Garcia Loureiro e Aluísio Gomes Alves):** Após a demarcação da malha, realizou-se uma sondagem inicial, com a coleta superficial dos fragmentos aflorados e o estabelecimento dos postos de sondagem, dispostos entre os 8

grandes canteiros triangulares da praça, os quais convergem para o chafariz central. No intuito de identificar o potencial arqueológico da área, bem com as áreas de concentração de material, foram abertos 12 poços de 50 X 50 cm, ao longo de todo o perímetro delimitado (Imagem 14). Em apenas um destes poços, o único que foi escavado em maior profundidade, alcançando 1,50m, evidenciou-se uma grande concentração de materiais característicos do século XIX, situada entre uma camada formada por várias deposições de aterro e o estrato geológico natural do terreno. Na seqüência, mais duas quadrículas foram abertas ao redor, evidenciando a continuidade deste depósito arqueológico. Com base na quantidade e na diversidade de materiais, levantou-se a hipótese de que o local poderia ter sido utilizado para o descarte de lixo dos moradores da área urbana próxima à praça.

**Campanha 2005 (coordenação de campo de Luciana da Silva Peixoto e André Garcia Loureiro):** A constatação a que se chegou na campanha de 2004, com base na estratigrafia, de que havia um prolongamento de uma camada de materiais datados do século XIX (louças, vidros, grés, metais, osseo), associados a restos alimentares, colocou a necessidade da retomada da escavação neste sítio. Com a abertura de duas trincheiras (2x1m) (Imagem 15), foi possível perceber a continuidade da camada de maior deposição arqueológica, possibilitando uma melhor percepção da estratigrafia do sítio, bem como a identificação de uma grande aglomeração de materiais orgânicos junto a fragmentos de utensílios domésticos de uso cotidiano. Ademais, a possibilidade de exumação de um espectro mais amplo de restos materiais pode ajudar a matizar com mais precisão a datação do depósito. Esta campanha reforçou, em campo, a hipótese da utilização do local para o descarte coletivo de lixo.

Esta escavação propiciou uma ótima compreensão da estratigrafia deste local, revelando-nos os processos de deposição de materiais e aterramento intencional da praça, que no passado era uma várzea alagadiça.

**Campanha 2006 (coordenação de campo de Estefânia Jaékel da Rosa e Daniel Añaña):** Ao longo do ano de 2006, avançaram as obras de revitalização da Praça Cel. Pedro Osório, previstas no cronograma do Programa Monumenta. Efetuamos então o acompanhamento sistemático de todas as obras que demandavam interferências no subsolo, com o intuito de identificar e resgatar vestígios arqueológicos dispersos na área de impacto (Imagem 16).

Durante o acompanhamento das obras do banheiro público, que no projeto se situaria em nível subterrâneo, aproximadamente 1m abaixo da superfície atual do terreno da praça, evidenciou-se uma grande quantidade de materiais: louças de diversas formas e decorações, garrafas de vidro inteiras (garrafas de diferentes bebidas, tônico capilar, remédios, perfumes, etc.), restos alimentares (ossos, escamas de peixe, etc.), vasos cerâmicos, entre outros fragmentos relevantes. Deste modo, verificou-se outra área com uma camada de descarte de lixo, similar à evidenciada anteriormente, sugerindo que a deposição de lixo na praça ocorresse, em certo período do século XIX, de forma regular e extensa.

Devido à identificação deste grande depósito, a equipe de arqueologia logrou suspender temporariamente o avanço das obras dos sanitários, para efetuar o necessário salvamento sistemático do sítio, por meio de uma escavação. Assim, foram abertas 5 quadrículas de 1m<sup>2</sup>, em uma área já parcialmente impactada pelas obras. Estas quadrículas permitiram o registro estratigráfico do sítio, que evidenciou uma regularidade no descarte de lixo: os utensílios domésticos e os restos alimentares não eram depositados em um local específico, mas sim em todo o terreno.

Na seqüência das obras, toda a área em volta ao banheiro foi decapada no intuito de construir rampas para facilitar o acesso de Portadores de Necessidades Especiais, resultando em uma nova área para salvamento, pela metodologia do acompanhamento diário realizado pelos bolsistas do projeto. Seguindo a tendência apontada pelas intervenções anteriores, essa área apresentou uma grande incidência de vestígios arqueológicos.

Durante o acompanhamento, foi resgatada uma quantidade fenomenal de materiais, acima da média das outras intervenções. Os materiais exumados variavam de louças importadas, de variadas origens, formas e decorações, até garrafas de bebida (de vidro e grés), frascos de remédio e perfume, bem como taças, copos, moedas, objetos metálicos variados, como ferraduras e ferro de passar roupa, assim como restos orgânicos, tais como ossos, escamas de peixes, cascas de ovos e grandes concentrações de carvão. Enfim, uma diversidade indescritível de materiais, com uma característica particular: uma notável quantidade de objetos foi retirada dos substratos com sua forma integral, sobretudo no que se refere aos vidros.

A intervenção neste local se deu de forma lenta. Na medida em que vários outros pontos da praça passam por reformas específicas, procuramos fazer o acompanhamento pontual nos locais de impactação do solo, privilegiando profundidades de no mínimo 60 cm, tendo em vista que o aterro superior é contemporâneo.

### **Largo “Edmar Fetter” - Mercado Público**

Concomitante ao trabalho de intervenção na Praça Cel. Pedro Osório, a execução das obras previstas no Programa Monumenta incluíram áreas pontuais nas proximidades do Mercado Público e do prédio da Prefeitura Municipal, sobretudo no *Largo Edmar Fetter* (Imagem 17), situado entre ambos. A intervenção ocorreu na área que era ocupada por um estacionamento de táxi, local onde foram abertas valas para reformar as estruturas hidráulicas e de esgoto, com vistas a posteriormente ampliar a área do largo, no qual são realizados atos e espetáculos públicos.

Com o trabalho de intervenção no largo, foi aberta uma vala de aproximadamente 60 cm de profundidade e 1,5 m de largura, ao comprimento de todo o largo, ao longo da rua Lobo da Costa entre as ruas Andrade Neves e XV de novembro. Durante a remoção da terra, constatou-se uma grande concentração de materiais arqueológicos, tais como vidros, louças, cerâmicas, ossos, metais, etc. Efetuamos o acompanhamento destas obras, registrando e coletando os materiais exumados pelos pedreiros. Intervenção semelhante, e de resultados análogos, foi realizada no beco situado na adjacência do prédio da Biblioteca Pública Pelotense.

### **Considerações finais**

Nossa proposta de pesquisa insere-se em um campo específico da Arqueologia, constituído pela Arqueologia Histórica. Esta se caracteriza pela possibilidade de valer-se, para a reconstrução do passado, além da cultura material, de fontes escritas, iconográficas, arquitetônicas e orais, possibilitando ao pesquisador uma visãoêmica da sociedade estudada. Além disso, a importância da Arqueologia Histórica reside nas amplas possibilidades de recuperar o que os documentos escritos não registraram da vida cotidiana, intimamente ligada a processos sociais mais amplos. (Lima, 2002: 05)

Outro aspecto de relevância, neste projeto, está relacionado às pesquisas de unidades domésticas, sendo uma das mais fecundas linhas de pesquisa atuais da Arqueologia Histórica. Conforme Luis Cláudio Symanski (1998), as diversas pessoas que habitam uma casa (donos, empregados, agregados, escravos) deixam suas marcas no registro arqueológico. Ademais, a leitura do substrato arqueológico impõe discernir evidências anteriores e posteriores à edificação do imóvel, uma vez que pode ocorrer a sobreposição, e mesmo mistura, de lixeira coletiva anterior a uma lixeira doméstica, como é o caso da *Casa 8*, sobretudo no porão 22.

Sendo esta uma pesquisa que se propõe a intervenções no meio urbano, faz-se necessário envolvê-la, também, nas reflexões da Arqueologia Urbana. Staski (*apud* Zarankin, 1996:161) a define, como o estudo das relações entre comportamento e cultura material, em um contexto urbano. Conforme o mesmo autor, o conceito de “cidade-sítio” é uma importante ferramenta teórico-metodológica para os estudos em áreas urbanas, criando um esquema que inter-relaciona os diversos espaços trabalhados em uma cidade. Dessa forma, abre possibilidades para entender a complexidade existente nos contextos urbanos, a partir de seus remanescentes materiais de épocas passadas.

A partir do trabalho de Arqueologia Histórica, realizado na Praça Cel. Pedro Osório, levantou-se a hipótese, já mencionada, da utilização da área como lixeira coletiva, o que já vinha sendo cogitado a partir das escavações precedentes da *Casa 8*. Esta inferência decorre dos dados de campo, da observação inicial dos vestígios encontrados, assim como das informações obtidas na literatura arqueológica recente concernente a sítios de natureza análoga.

A combinação entre os dados das escavações realizadas na *Casa 2* e na Praça Coronel Pedro Osório reforçaram a hipótese de uma “lixeira coletiva” anterior à construção da residência. O material exumado na Praça assemelha-se muito com o da *Casa 8*; porém, estes dois diferem do material evidenciado na *Casa 2*, construída na década de 1820 ou 30, onde foi encontrado um número muito maior de louças de barro (cerâmica simples), material pouco freqüente na *Praça* e na *Casa 8*. Baseando-se nesses dados, supõe-se que a referida lixeira pode ter sido formada

entre as décadas de 1820 (ou um pouco antes) e 1880, período este em que se deu a ocupação urbana da região do entorno da Praça.

A estratigrafia do sítio apresentou três tipos de deposição antrópica:

- 1º nível (0 a 80cm): diferentes processos de aterramento, com pouca incidência de materiais, estes em sua maioria recentes (século XX), com apenas alguns fragmentos de louças e vidros com datação mais recuada. Nesta camada, constata-se eventualmente deposição arqueológica secundária, uma vez que a terra ou areia de aterro pode trazer fragmentos de materiais provenientes de outras áreas. Na superfície, sobretudo próximo aos canteiros ornamentais amontoados intencionalmente no entorno de árvores e plantas, constata-se razoável quantidade de pequenos fragmentos, sobretudo de louça do século XIX, dispersos ao longo da praça e sem contexto arqueológico definido, os quais não permitem inferências significativas para interpretação do sítios, provavelmente resultando do ato de remexer a terra na ocasião de plantio de árvores e outras plantas.

- 2º nível (80cm a 1m): composto por uma areia clara e apresentando grande concentração de metais e vidraças;

- 3º nível (1 a 1,50m): terra preta, devido à decomposição de materiais orgânicos (restos alimentares), associada a uma grande concentração de louças importadas, de variadas origens, formas e decorações, garrafas de bebida (de vidro e grés), frascos de remédios, moedas, objetos metálicos, entre outros vestígios arqueológicos do século XIX. Esta periodização é sinalizada, por exemplo, pela datação da louça, baseada nas decorações, bem como em datas registradas sobre alguns vidros. À título de ilustração, evidenciou-se muitas peças de louça com decoração *transfer printing* / borrão azul, com motivos florais e cenas chinesas de estilo *chinoiserie*, cujo período de fabricação data entre 1834 – 1887, seguindo padrão *willow* (1780 – década de cinquenta do século XIX), e ainda vários fragmentos de pratos com decoração *Shell edged* em estilo relevo moldado, de fabricação datada entre 1818 – 1880.

Abaixo do 3º nível, verifica-se um “lodo”, barro compactado que consiste na formação geológica natural do terreno.

Observando esta estratigrafia, com base nas fontes históricas, estabeleceu-se o recorte cronológico situado entre as décadas de trinta e setenta do século XIX, respeitando os limites inicial (instalação do segundo loteamento em 1832) e final (urbanização da praça na década de 70 com trabalhos hidráulicos e de ajardinamento).

Outra informação importante foi encontrada numa publicação recente, em um trabalho de pesquisa histórica com base em periódicos, que traz a seguinte referência, encontrada no jornal pelotense “O Noticiador”, de 20/11/1861:

“A praça, como já foi dito, é o foco de constante atenção quando se fala em higienização do espaço público. Desde 1861, o primeiro jornal em que há referência à praça, a queixa é sempre no sentido de cuidar desta que é ‘a primeira e principal em todos os sentidos que possui a nossa cidade’.”  
(Paula, 2005:11)

A soma destes dados apresenta-se como um importante delineador das hipóteses desta pesquisa, que posteriormente serão esclarecidas com o aprofundamento da análise dos materiais em laboratório.

A pesquisa de arqueologia histórica sobre a Praça Cel. Pedro Osório encontra-se em fase inicial, prevendo, ainda, a consulta em fontes primárias e a análise, em laboratório, dos vestígios exumados. Mesmo no que respeita à catalogação dos materiais tais como louça e vidro, falta ainda o estudo do registro escrito efetuado sobre estes suportes materiais, como os carimbos e selos, no caso das louças, e o nome dos fabricantes, fábricas ou cidade de origem, nos vidros.

Contudo, uma fração significativa da história de Pelotas está vindo à tona, iluminando aspectos estudados ainda de maneira insuficiente pela historiografia baseada nos registros textuais: a higienização, hábitos de consumo e padrões econômicos, sistema urbano de tratamento de lixo, urbanização das áreas centrais e instalação de infra-estrutura, desenvolvimento de atividades econômicas específicas, como a indústria farmacêutica.

Os dados arqueológicos têm fornecido novos referenciais para se pensar a cultura e sociedade pelotense do século XIX. Alguns dados já levantados afirmam a hipótese da existência de uma lixeira coletiva no principal ponto da cidade, sua atual praça central. Isso, somado com

outros dados, implica num novo olhar sobre esta paisagem, recriando, na memória coletiva, este espaço de interpretação da paisagem urbana.

O trabalho de campo, realizado no centro histórico da cidade, tem contribuído para uma nova relação dos cidadãos pelotenses com a arqueologia, o que começa já no momento da intervenção no sítio, quando os operários empregados nas obras de reforma integram-se à pesquisa, auxiliando nos cuidados com o solo e coletando os materiais evidenciados, além da situação peculiar estabelecida no contato direto dos cidadãos com a arqueologia, ao circularem pela área, durante as escavações, o que lhes suscita interesse e curiosidade. Esta curiosidade tem despertado demanda crescente por entrevistas na imprensa, visitas de escolas, convites para exposições, pois a pesquisa arqueológica em meio urbano vem despertando cada vez mais o interesse da comunidade e a visibilidade da importância dos “caquinhos” enquanto patrimônio cultural coletivo.

### Referências Bibliográficas

- BRANCANTE, Eldino da Fonseca. *O Brasil e a Cerâmica Antiga*. São Paulo: Cia Lithographica Ypiranga, 1981.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara et alii. A Arqueologia “Salvando” o Patrimônio Cultural da Cidade de Pelotas / RS: “Salvando” o Quê?. Portugal: IPT. In: *Techné*. v. 9, 2004a. pp. 325 – 356.
- LIMA, Tânia Andrade. “Os marcos teóricos da arqueologia histórica, suas possibilidades e limites” In: *Estudos Ibero-americanos*. Porto Alegre: PUCRS, dezembro 2002.
- MAGALHÃES, Mario Osório. *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas – (1860-1890)*. Pelotas: UFPel, 1993.
- NOBRE, Chimene Kuhn. *Catálogo do material arqueofaunístico – “projeto de salvamento arqueológico da zona urbana de Pelotas/RS” – Vol. I Casarão nº 8*. Monografia de Graduação, 2003. Universidade Federal de Pelotas.
- PAULA, Débora Clasen de. *Praça Pedro II: a construção de um espaço de sociabilidade (1861-1889)*. Monografia - Lic. em História: UFPel, 2005
- PEIXOTO, Luciana da Silva; CERQUEIRA, Fábio Vergara; FONTOURA, Otávio Marques & NOBRE, Chimene Kuhn. “Resultados parciais do salvamento arqueológico em Pelotas/RS/Brasil: Catálogo de material arqueofaunístico e catálogo de louça da Residência Conselheiro Maciel”. *Techné*. Publicação da Arqueojovem. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar (IPT / Portugal), nº 9, 2004, pp. 205-234.
- PEIXOTO, Luciana. *Catálogo de faiança fina da Residência Conselheiro Maciel*. Monografia de Especialização em Memória, Identidade e Cultura Material. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2004.
- SCHÁVELZON, Daniel. *Catálogo de Cerâmicas Históricas de Buenos Aires (Siglos XVI-XX)*. Buenos Aires: EVM, 2001
- SENATORE, Maria Ximena e ZARANKIN, Andrés (Orgs). *Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul. Cultura Material, Discursos e Práticas*. Buenos Aires: Ediciones Del Tridente, 2002. Colección Científica. Soares & Varoto, 1997:74)
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. “Burgueses inmigrantes” y desarrollo urbano en le extremo sur de Brasil. *Scripta Nova*. Revista Eletronica de Geografia y Ciencias Sociales. Migración y Cambio Social. Número extraordinario al III Coloquio Internacional de Geocrítica (Actas del Coloquio). Universidad de Barcelona, nº 94 (78), 1º de agosto de 2001. ([www.ub.es/geocrit/sn-94-78.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn-94-78.htm))
- SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. *Espaço Privado e Vida Material em Porto Alegre no Século XIX*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. Coleção Arqueologia 5.
- ZARANKIN, Andrés. (et alii) *Arqueologia de la ciudad de Buenos Aires. Informe de los trabajos realizados en el proyecto ‘Casa Mínima’, barrio de San Telmo*. PALIMPSESTO, nº 5. Buenos Aires. 1996

Relação de Imagens.

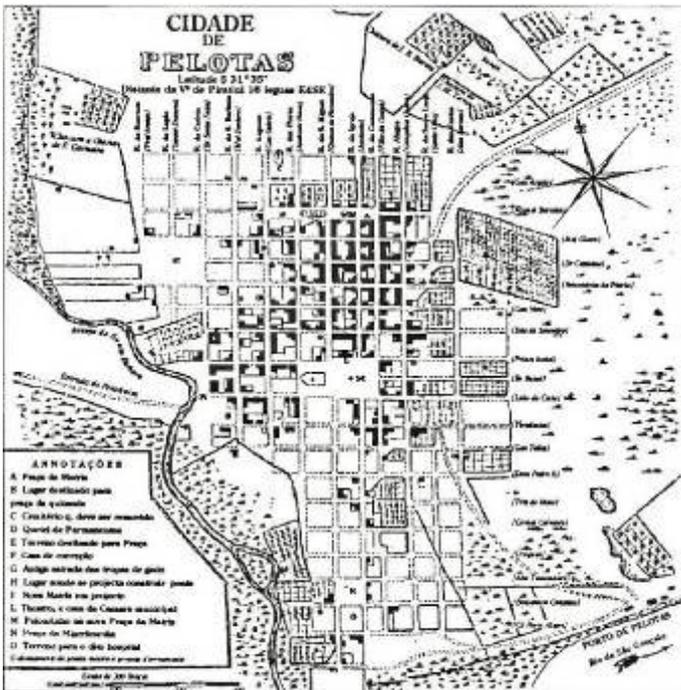


Figura 38 – Planta da cidade de Pelotas, 1835. Prefeitura Municipal de Pelotas. Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente.

Imagem 1 – Mapa da cidade de Pelotas onde aparece a delimitação do 1º e 2º loteamentos



Imagem 2 – Fachadas frontal e lateral da Residência Conselheiro Maciel

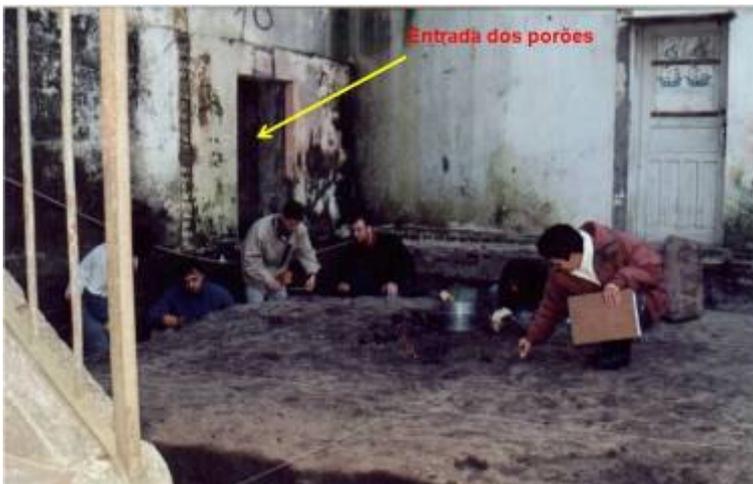


Imagem 3 – Vista do pátio – sítio PSGPe - Casa



Imagem 4 – Travessa de louça branca sem decoração



Imagem 5 – Travessa com decoração *Shell edged*.



Imagem 6 – Xícara com decoração faixas e frisos



Imagem 7 – Urinol com decoração à mão livre com motivo floral



Imagem 8 – Bacia com decoração carimbada



Imagem 9 – Bule com decoração *transfer printing*



Imagem 10 – Garrafas de grés



Imagem 12 – Estrutura – sítio PSGPe 3 – Casa 2

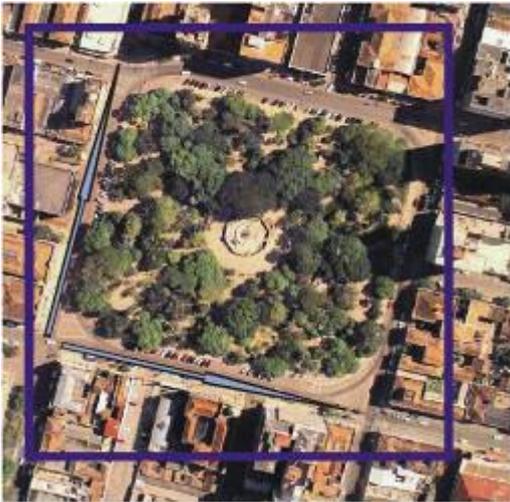


Imagem 13 – Praça Coronel Pedro Osório

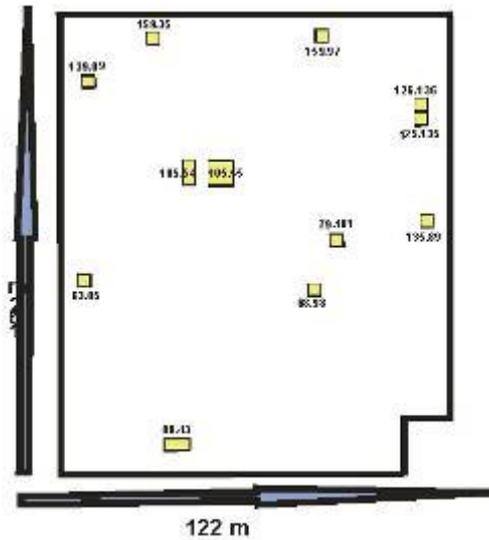


Imagem 14 – Malha de quadriculagem –



Imagem 15 – trincheiras – Praça Cel. Pedro Osório – campanha 2005.



Imagem 16 – Acompanhamento das obras na Praça Cel. Pedro Osório – 2006.



Imagem 17 – Obras no Largo Edmar Fetter - 2006